

MAPA DE RISCO POLÍTICO E TERRORISMO DA AON

O mundo está mais perigoso para os negócios

Um estudo feito em 163 localizações aponta os movimentos populistas e os ataques contra imigrantes como causadores de perdas para as empresas, a par do terrorismo e da guerra comercial EUA-China

Texto Clara Teixeira Foto Luis Barra

O mundo continua a ser um lugar perigoso para viver, e também para fazer negócios. O mapa de risco político, terrorismo e violência política para 2019, feito em parceria entre a AON, uma multinacional de seguros de risco, reforma e saúde, e as consultoras The Risk Advisory Group e Continuum Economics, mede os diferentes graus de risco em 163 localizações geográficas, e destaca, na sua 22ª edição, os populismos na Europa e nos EUA, os efeitos da guerra comercial EUA-China e o aumento dos ataques contra imigrantes, além do terrorismo.

Um dos principais alertas do estudo vai para a expansão dos populismos e a insatisfação generalizada com os partidos políticos tradicionais, um fenómeno que deixou de ser olhado como marginal e aumentou o risco de políticas disruptivas em determinados países, contribuindo para agravar as perspetivas económicas. Medidas populistas podem, por exemplo, implicar políticas orçamentais mais expansionistas, gerar inflação, travar a globalização e reforçar a presença do Estado na economia. Do ponto de vista das empresas, criam riscos para a propriedade e para a segurança de colaboradores, fornecedores e clientes, com perturbações nas cadeias de abastecimento, surgimento de barreiras ao comércio, cancelamento de contratos, etc.

Como exemplos das tendências populistas, são apontados o Brexit, a coligação governamental em Itália, as presidências de Donald Trump nos EUA, de López Obrador no México e de Jair Bolsonaro no Brasil, assim como o movimento dos Coletes Amarelos em França.

"O problema é sempre a indefinição das políticas, a sua volatilidade. Sempre que o agente económico não tem um nível de segurança elevado, incorpora medidas de defesa através da gestão de risco. Toma-se mais prudente, ou então transfere o risco", afirma João Mendonça, chief commercial officer (CCO) da AON.

Em relação aos EUA e à Europa, o estudo lança o alerta sobre o aumento do terrorismo de extrema-direita, com a Alemanha e a Grécia a registarem o maior número de ataques ou tentativas de ataques contra imigrantes e minorias religiosas e étnicas no continente europeu. Entre 2016 e 2018, foram registados na Ale-

manha 22 ataques de natureza extremista, o dobro dos anos anteriores. Sete aconteceram em 2018. Nesse ano, os EUA registaram seis e a Grécia quatro. No total, o número de ataques da extrema direita foi de 27.

Este sentimento anti imigração gera tensões sociais que são hoje apontadas como causa dos movimentos populistas na Europa.

Atualmente, já são 11 os países europeus que têm partidos populistas no Governo, representando, em média, 22% dos votos dos eleitores em 33 países. Os resultados destes novos movimentos têm vindo a reforçar-se em países como Holanda, França, Alemanha, Suécia, Espanha e Itália.

Mas ao mesmo tempo que na Europa e nos EUA aumentaram os ataques terroristas contra imigrantes, por extremistas de direita, as ações terroristas reivindicadas pelo Daesh em ambas as regiões caíram para metade, de 26 em 2017 para 11 em 2018. Os combatentes islâmicos redirecionaram os seus ataques para outras regiões, mais do que duplicando o número de ações no Afeganistão, na Nigéria, nas Filipinas e mais recentemente no Sri Lanka. Em 2018, o Daesh reivindicou ataques em 24 países, menos três do que em 2017. Dots em cada cinco países do mundo apresentam um qualquer grau de exposição ao terrorismo, mas os que registaram maior número de ataques em 2018 foram Iraque, Índia, Somália, Nigéria e Colômbia.

"Temos sentido um aumento da procura nas coberturas para este tipo de risco. É possível garantir o risco de perdas indiretamente causadas por um ataque terrorista. Um hotel, uma

empresa, uma associação que perde atratividade em consequência dessa ação pode ser segurado. Também é possível segurar danos patrimoniais por atos de vandalismo, como os dos Coletes Amarelos, e notamos que as empresas estão a comprar mais coberturas destas. Neste caso, há danos diretos ao património e indiretos ao turismo e ao comércio em geral", refere João Mendonça.

Mesmo assim, no ano passado, cerca de 16% dos ataques terroristas afetaram as atividades empresariais. Direcionados para espaços públicos, frequentados por muitas pessoas (mercados, hotéis, plataformas de transportes, infraestruturas, etc.), estão a causar perdas significativas às empresas.

RISCO MAIOR EM ÁFRICA E NO MÉDIO ORIENTE

Outro dos alertas do estudo vai para a instabilidade política persistente em regiões como África e Médio Oriente, onde ficam os países considerados de maior risco para fazer negócios: Iraque, Síria, Iémen e Líbia.

"O mundo em que vivemos é cada vez mais complexo. Os perigos em algumas regiões, onde a volatilidade é maior, obrigam a uma gestão mais atenta dos riscos. Alguns clientes já tiveram experiências negativas e procuram defender-se, antecipando os riscos e tomando-se mais seletivos e cautelosos", continua o CCO da Aon. Por isso, acredita que o seu papel de consultor tem "duas dimensões": "identificar e minimizar o risco, e fazer a transferência do risco com recurso a ferramentas financeiras".

Para as empresas que operam na África subsariana e na América Latina, as regiões mais expostas a mudanças de regime político, o risco de negócio mantém-se "muito elevado". Atualmente, mais de dois terços dos países subsarianos, entre os quais Gambia, Sudão, Togo, Zimbábue e Camarões, correm o risco de serem afetados por greves, tumultos e conflitos políticos, e um quarto acrescenta o risco de sabotagem e ataques terroristas. São mais de 20 os países africanos que este ano realizam eleições, o que é sempre acompanhado por um risco de instabilidade e incerteza política. É o caso da Nigéria, da África do Sul (as duas maiores economias da região) e do Quênia.

Mas as ameaças aos negócios também vêm do protecionismo. As tensões comerciais entre os EUA e

a China ameaçam arrastar o resto do mundo. O relançamento de tarifas comerciais pode fazer abrandar o crescimento em países com elevados níveis de dívida, pública e privada. Uma guerra comercial dificulta as decisões de investimento, expõe as empresas ao risco e pode atrair com algumas empresas para fora do mercado. De acordo com o mapa de risco da AON, a China será a parte mais afetada por uma guerra de tarifas, prevendo-se um declínio de 0,6% no seu PIB até 2023. No caso dos EUA, o impacto sobre o PIB cai para metade daquele valor.

"Não há uma solução, há a maior cautela e a exigência de uma margem de segurança maior nos projetos. Não é bom. Afeta as margens e muitos projetos ficam pelo caminho", diz o gestor da AON.

O estudo também contém alertas sobre as alterações climáticas e os fenómenos extremos. Países mais expostos aos desastres naturais e com menor capacidade de resposta apresentam maior risco, especialmente se a essa exposição se juntarem condições deficitárias, inflação elevada e dívida.

"As alterações climáticas têm sempre impacto nos países e no rendimento dos agentes económicos. Porém, as empresas podem proteger-se. Temos uma tendência de aquecimento global, que dificilmente é segurável, mas pode ser objeto de gestão de risco. Um produtor pode começar a plantar as suas árvores a uma quota superior para se proteger da subida das águas do mar. Isso é gerir o risco. Já os fenómenos extremos, as catástrofes naturais, que se intensificam, são seguráveis com coberturas de tempestades e afins. Fica é mais caro, à medida que os fenómenos se tornam mais frequentes", assinala o responsável.

Portugal é um caso à parte. Os riscos que mais preocupam os empresários, de acordo com o estudo Global Risk Management Survey, também da AON, são o abrandamento económico, os danos de reputação às marcas e as alterações regulatórias e legislativas. O País continua muito longe das preocupações com o terrorismo e as tendências nacionalistas. No entanto, a influência das políticas nos agentes económicos é uma das grandes preocupações dos empresários. "Queixam-se do facto de em Portugal não haver planificação de médio e longo prazo. De não saberem com o que podem contar." ●